

visões do estado | andre degenszajn*

Frank Harrison. *The Modern State*. Montréal, Black Rose Books, 1983, 227 pp.

(...) por mais profunda que seja a perda da liberdade,
nunca está perdida o bastante, nunca se acaba de perdê-la

Pierre Clastres

Frank Harrison apresenta em seu livro um panorama sobre o Estado moderno. Apesar de ter sido escrito há quase duas décadas, mostra-se mais atual do que a maior parte das análises contemporâneas sobre o tema. Harrison constrói sua argumentação a partir da perspectiva da resistência ao Estado, através das múltiplas correntes do pensamento crítico. Conceitos como propriedade, revolução, poder e liberdade são discutidos a partir das concepções de diversos autores e tendo como pano de fundo o debate entre socialistas e anarquistas.

Esta não é uma obra imparcial ou isenta. E não pretende ser. O subtítulo do livro, *an anarchist analysis* (uma análise anarquista), explicita a abordagem e a crítica que o autor desenvolve. O livro de Harrison adquire maior relevância neste momento em que críticas e contestações parecem ser absorvidas pelo conservadorismo dominante, que nutre uma falsa esperança de um novo mundo reconstruindo o que já está colocado. Faltam espaços para reflexões que radicalizem a crítica e procurem buscar possibilidades além daquelas que nos são apresentadas — das cédulas aos *reality shows*.

The Modern State é um livro da *Black Rose Books*,

* Mestrando em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisador do Nu-Sol.

editora canadense que publica, desde 1970, livros críticos e contestadores no campo das ciências humanas. Longe de ser uma editora comercial, a *Black Rose Books* é um projeto editorial que contribui para o debate crítico a partir de novos pontos de vista e referenciais. Em um contexto no qual a decisão de publicar livros é resultado de um cálculo econômico definido pela *demanda*, é importante que (ainda) existam editoras orientadas por estes princípios. Não é por acaso que o livro não foi traduzido para o português.

A afirmação do anarquismo diante de outras formas de sociabilidade ganha ainda mais validade no momento atual, em que este é esvaziado de seu sentido e sua força. Quando não se identifica o anarquismo à baderna, ele é enquadrado como socialismo revolucionário, pacificando, assim, o debate. Harrison, a partir de sua fundamentação histórica e da apresentação dos embates entre socialistas e anarquistas, deixa claro quais são os elementos de ruptura entre as duas perspectivas.

A partir de formulações teóricas de individualismo e anarquismo, Harrison apresenta críticas às concepções socialistas de Estado e de organização social. Seja pelo viés liberal de pensadores como William Godwin ou por meio do individualismo de Max Stirner, a argumentação do autor mostra que o Estado, independente de sua forma ou organização, é um instrumento de repressão e de proteção da propriedade, seja este um Estado liberal ou socialista. “Todo Estado”, afirma Max Stirner, “é despotismo, seja o déspota um ou muitos”.

Em uma época em que as discussões preponderantes realizam-se em torno da reforma do Estado, Harrison é preciso em demonstrar que este tem sido reformado incessantemente, e desde sua origem tem permanecido o mesmo. Para que o Estado sobreviva e possa se conservar, são necessárias reformas que tragam a idéia de um constante aprimoramento. Esta idéia também não é recente. Maquiavel já dizia que um bom príncipe é aquele capaz de introduzir aquilo que já existe como

se fosse a novidade, e assim conservar o Estado e o poder do soberano.

A análise apresentada sobre o Estado e sua relação com o indivíduo não perderá sua atualidade enquanto a sociedade estruturar-se sobre valores de autoridade e hierarquia. Harrison pretende, em seu livro, desconstruir a concepção socialista de revolução e liberdade, demonstrando que a dominação não é determinada pelas condições daquele que está no controle do Estado, mas pela sua própria existência. A liberdade no anarquismo não se alcança pela conscientização das massas ou pela tomada do Estado, pela substituição da propriedade privada pela propriedade estatal ou pela mobilização e participação de todos. A liberdade realiza-se na sua prática, por meio de associações livres e, principalmente, por uma experiência libertária de vida.

luce em travessias, memórias e percursos anarquistas

| edson lopes *

Margareth Rago. *Entre a liberdade e a história: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, UNESP, 2001, 368 pp.

Não se trata de uma biografia, mas de um diálogo entre a vida da libertária Luce Fabbri e sua produção intelectual, com a constituição do movimento anarquista na Itália e América Latina. Margareth Rago não se aparta das conversas miúdas, inventando o passado, desvelando ínfimas, expressivas e incomensuráveis personalidades anarquistas e conquistas do movimento, em diferentes momentos

*Pesquisador do Nu-Sol.